

A revolta da cidadania

Douglas Mansur

A histórica manifestação contra a violência no campo, contra a impunidade e em defesa da Reforma Agrária, realizada em Brasília, no dia 17 de abril, representa um momento especial na retomada do espírito de luta, de solidariedade e de esperança da cidadania. Sob a bandeira do MST, do lema Terra, Trabalho e Justiça Social, dezenas de milhares de cidadãos foram a Brasília protestar contra o governo FHC e sua política econômica.

A mobilização é resultado de muitos anos de lutas. Em agosto de 95, em Corumbiara, a PM de Rondônia assassinou 11 trabalhadores sem-terra à queima-roupa. O massacre deu origem ao memorial da Reforma Agrária e ao Fórum em Defesa da Reforma Agrária. Desde então, Lula, Vicentinho, nossos deputados e senadores, dirigentes e militantes vêm lutando pela Reforma Agrária e apoiando o MST. Nossa bancada e, principalmente, seu Núcleo Agrário na Câmara dos Deputados, travou as batalhas vitoriosas do Rito Sumário e da nova Lei das Liminares. Há anos, Hélio Bicudo vem defendendo o fim da Justiça Militar de exceção.

O massacre de Eldorado do Carajás, quando a PM do Pará, a mando do governador tucano Almir Gabriel, e sob as ordens do latifúndio, massacrando 19 trabalhadores em abril de 96, é outro momento importante deste processo crescente de mobilização. Ao lado da CUT, representada por Vicentinho, da CNBB, por D. Demétrio Valentini, do repórter-fotográfico Sebastião Salgado, de Paulo Sérgio Pinheiro, o PT, através de seu presidente, lá estava para dizer ao mundo que a impunidade e a violência continuavam imperando no campo e que o responsável era FHC.

Já neste ano, no dia 16 de março, no Pontal do Paranapanema, prestamos nossa solidariedade aos sem-terra e iniciamos a arrancada para Brasília, onde mais de 60 mil manifestantes diziam Reforma Agrária Já, Chega de Impunidade, Justiça Já.

O PT empenhou-se nesta campanha com absoluta prioridade. De todo o Brasil, dezenas de milhares de petistas atenderam ao nosso chamado e se fizeram presentes dia 17 em Brasília. Foi a primeira grande manifestação popular contra FHC, e são muitas suas lições. Entre elas: é preciso lutar e mobilizar; a unidade é fundamental; o governo é forte, mas não é invencível; o povo está conosco.

O espírito de luta e a persistência do MST devem ser destacados, mas é preciso apontar para o apoio dos partidos de esquerda e das entidades que compreenderam o momento histórico e se uniram na mobilização rumo a Brasília. A vitória de Brasília não é a única e não pode ser entendida só como apoio da sociedade ao MST. É preciso ver mais além

das aparências. Representa a revolta da cidadania contra uma estrutura social ímproba e injusta e uma elite insensível; contra a impunidade e o descaso do governo com o agravamento da miséria e da violência na sociedade brasileira. É expressão da indignação do povo com as cenas

de violência na favela Naval, em Diadema; do apoio popular à CPI dos Precatórios. É um sintoma claro de que o povo não tolera mais a situação atual.

As pesquisas indicam apoio popular à luta contra a privatização da Vale. Sinalizam que podemos e devemos continuar

na nossa agenda de mobilização popular: 1º de Maio; Grito da Terra; caravana da Central de Movimentos Populares a Brasília dias 9 e 10 de julho; e Grito dos Excluídos dia 7 de setembro. E, em outubro, vamos realizar em São Paulo o Fórum das Entidades Democráticas e Po-

pulares. Será o momento de consolidar a unidade dos partidos de esquerda e das entidades progressistas para construir uma alternativa de poder no Brasil.

José Dirceu, presidente nacional do PT



Um marco na defesa da democracia

Douglas Mansur

Senhor Presidente:

Os brasileiros que ocupam esta praça representam muito mais do que os trabalhadores rurais que marcharam a Brasília durante 57 dias, percorrendo até 1.032 quilômetros de poeira, de pedras, de sol, de chuva, de dificuldades e perigos para trazer o grito pela Reforma Agrária, que parte dos 12 milhões de sem-terra do Brasil e ecoa no coração de todos os trabalhadores das cidades.

Representam mais do que os sindicalistas de todos os estados que acampam na Capital Federal para protestar contra a avalanche de desemprego que se agrava em seu governo.

Mais do que os partidos, as lideranças da sociedade civil, as personalidades políticas e religiosas que somam forças aqui, neste dia histórico de manifestação, que valerá como marco na defesa da democracia.

Defesa do sagrado direito de discordar, de divergir, de denunciar a corrupção que segue impune em seu governo. Direito de contrapor ao seu programa neoliberal as propostas voltadas para as urgências sociais e para a ampliação da Cidadania.

Estamos aqui em nome do Brasil que não abre mão de seu sonho de justiça social, de plena liberdade política e de soberania nas relações internacionais.

Não pedimos licença a ninguém para ocupar esta praça.

Não pedimos licença porque somos os mesmos brasileiros que conquistaram esse direito através da luta. De uma luta

Tanto quanto hoje, a verdade oficial era a única que a grande imprensa, o rádio e a televisão divulgavam, numa cumplicidade que se repete, ressalvadas as exceções de coragem que sempre existiram.

Nem por isso os que combateram pela democracia deixaram de vencer. Nem por isso a verdade oficial deixou de ser desmascarada como enorme mentira.

É verdade que muitos dos que lutaram conosco pelo fim do regime militar ocupam hoje posições destacadas no governo. Mas não têm o direito, só por estarem no governo, de violar o pacto político em torno da reconstrução democrática, que culminou na Constituição de 1988.

A Constituição que Ulysses Guimarães promulgou e jurou como Constituição Cidadã, e que o senhor mesmo assinou, em nenhum de seus artigos confere ao chefe do Executivo poderes para insultar a oposição e os movimentos sociais.

Nesse sentido, os brasileiros aqui reunidos estão gritando que exigem respeito.

Burro, hipócrita, neobobo são três dos muitos termos com que o senhor tem brindado a oposição e os movimentos sociais que protestam hoje no coração do Brasil.

Quem lhe deu esse direito?

As urnas de 1994?

Não, senhor Presidente. As urnas de 1994 não foram convocadas para eleger um monarca, um déspota esclarecido ou um ditador.

Se somos neobobos, senhor Presidente, é porque os neo-espertos deste País

se reúnem toda hora com o presidente, obtendo dele vantagens para socorrer banqueiros falidos. Vantagens para comprar a Vale do Rio Doce a preços fixados pelos próprios compradores. Vantagens para impor à Nação um Sivam cheio de escândalos. Vantagens para quadrilhas que voltam a indignar o País com as revelações da CPI dos Precatórios.

Ora, senhor Presidente, é mais que hora de pôr fim a esses insultos e a esses gestos de prepotência.

É mais que hora de lembrar que democracia não é consenso obrigatório em torno da verdade do Presidente. A democracia não é ditadura da maioria, como bem lembrou, dia destes, o presidente do Supremo Tribunal Federal.

O controle da inflação não é salvo-conduto para todas as negociatas que crescem em seu governo. E crescem porque são toleradas. Pior ainda: porque são

vergonhosamente estimuladas na relação com o Legislativo.

Enquanto o País continuar sendo um campeão mundial de desigualdade na distribuição da renda, não tenha dúvidas de que as manifestações prosseguirão existindo, com energia, firmeza, coragem e determinação.

Com o dinheiro canalizado ao socorro dos bancos, seria possível assentar nada mais, nada menos que 666 mil famílias sem-terra. Seria possível construir 2.857.142 casas populares. Daria para duplicar os recursos da Saúde, eliminando epidemias que voltam a crescer em nosso País, como a malária, o dengue, a tuberculose e outras doenças típicas da miséria.

A cidadania social é enfraquecida pelo desemprego. Pela insensibilidade de seu governo diante do problema da terra. Pelo ataque sistemático aos direitos trabalhistas protegidos na Constituição. Pela transformação do funcionalismo em inimigo público. Pela agressão ao direito adquirido na questão da Previdência. Pelo salário mínimo que não ultrapassa, agora, os 120 reais.

A cidadania política perde terreno quando a representação parlamentar é levada por lideranças do seu governo a transitar na lama do fisiologismo e da barganha de votos em troca de verbas e nomeações, numa escala sem precedentes na história da República.

A cidadania civil é golpeada em episódios de violência como os de Diadema e Cidade de Deus, que seguiram a trilha pela impunidade dos criminosos responsáveis por Corumbiara e Eldorado do Carajás.

Enfim, senhor Presidente, o Brasil em que vivemos hoje está muito longe de ser uma terra de justiça, de equilíbrio e de amplo respeito à Lei. Num país assim, ninguém pode ter a pretensão de governar sem oposição.

Já mostramos, muitas vezes, que so-

mos uma oposição capaz de apresentar alternativas viáveis para todas as questões que denunciamos como prioritárias e inadiáveis.

Mas que ninguém ouse duvidar: continuaremos ocupando terras como gesto de defesa da vida. Continuaremos organizando greves, acampamentos e manifestações. Vais como as dos metalúrgicos do ABC, de Roraima e Rondônia voltarão a ser ouvidas.

Somos o Brasil que está disposto a obter medidas concretas de combate ao desemprego e geração de empregos.

Somos o Brasil que vai exigir o fim do trabalho escravo, da prostituição infantil, da mão-de-obra de crianças, da corrupção e da violência que crescem conforme seu governo reduz as funções do Estado e proclama a supremacia do mercado na organização da Nação.

Somos parte fundamental, essencial, indispensável da democracia brasileira.

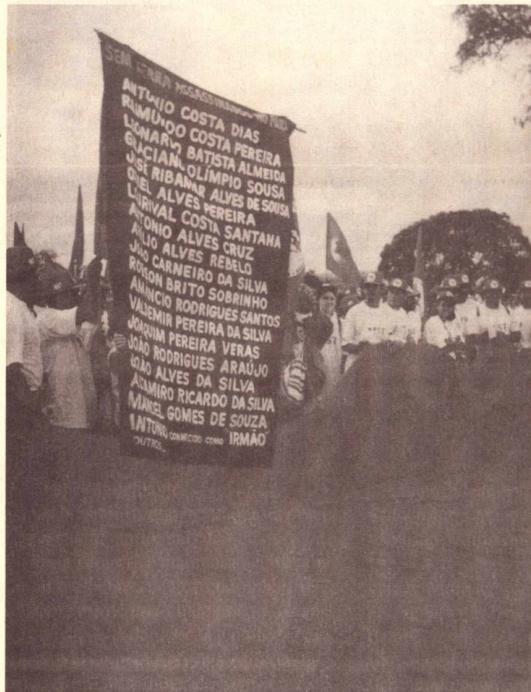
Prosseguiremos lutando sem descanso, sem trégua, sem medo de insultos. Pelo aprofundamento da democracia nes-

sa terra. Terra que nos trouxe para esta manifestação. Terra que tem custado o sangue generoso de trabalhadores como os mártires de Corumbiara e Eldorado. Terra que precisa ser adubada com a mobilização popular para que se erga sobre ela uma sociedade justa, fraterna e apoiada nos valores da solidariedade.

Enfim, senhor Presidente, somos o Brasil das Diretas, o Brasil do Impeachment, o Brasil dos Sem-Terra e dos trabalhadores com terra sem financiamento; o Brasil dos trabalhadores e dos desempregados e dos funcionários públicos, profissionais liberais, pequenos e médios empresários, intelectuais, artistas, aposentados.

Somos os brasileiros que lutamos ontem, lutamos hoje e lutaremos amanhã de forma intransigente para conquistarmos a cidadania para o nosso povo.

Luiz Inácio Lula da Silva (discurso proferido durante o ato público realizado em Brasília, no dia 17 de abril de 1997)



que custou sangue, custou lágrimas, custou sacrifícios. De uma luta que desafiou governos autoritários do regime militar. Governos que recorreram à força bruta, às prisões, à tortura, ao assassinato, ao banimento, à censura e à cassação dos que discordavam da verdade oficial dos ditadores.

rio em torno da verdade do Presidente. A democracia não é ditadura da maioria, como bem lembrou, dia destes, o presidente do Supremo Tribunal Federal.

O controle da inflação não é salvo-conduto para todas as negociatas que crescem em seu governo. E crescem porque são toleradas. Pior ainda: porque são

artistas, enfim, todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para o processo.

E não temos dúvida que agora é o início da caminhada. A Marcha não termina aqui, a Marcha começou. A nossa esperança é a de que esse dia de manifestação demonstre a unidade social; que logo a gente consiga juntar de fato os pobres do País para enfrentar de uma vez por todas esse governo que não tem projeto para o Brasil. Ele tem um projeto para as elites e multinacionais, mas não para o povo brasileiro."

Gilberto Portes – Coordenador nacional do MST e da Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça

Um grito de alerta

"Os trabalhadores da cidade cumpriram com o seu papel. Os professores, metalúrgicos, químicos, da construção civil, várias categorias. Esse encontro dos trabalhado-

res do campo com os da cidade mostra que a gente pode ter esperança. Podemos ter a utopia de que o nosso sonho vai se tornar um dia realidade. O presidente da República não pode fazer as coisas como ele está fazendo, ele tem de reconhecer a mobilização popular. Ele não pode ficar agindo de maneira que deixe de lado as consequências da sua política econômica. Quando ele aumenta os juros, quebra empresas; quando introduz medidas como do arrocho do salário, causa desemprego. Essa mobilização é um grito de alerta."

Vicente Paulo da Silva – Presidente nacional da CUT

Síntese das lutas

"É uma massa que levanta da terra aquilo que há de mais profundo em valores culturais do nosso povo e nos faz uma demonstração simples: um movimento com poucos recursos, mas com uma enorme clareza de objetivos, capacidade de ação centralizada e disci-

Myrlian Luiz Alves



Hamilton Pereira (centro)

plina, consegue mover um país, ainda que esse país tenha as dimensões do Brasil. Essa Marcha é um momento de síntese e convergência de todas as lutas. E o Partido dos Trabalhadores, nossos militantes, têm que dar atenção a esse fato para que o Partido possa não apenas ser um apoiador mas ser o companheiro solidário dessa luta pela Reforma Agrária que, em última análise, trata-se na verdade da luta pela democratização e da luta pela construção do socialismo no País."

Hamilton Pereira – Membro do DN, secretário de Cultura do Governo do Distrito Federal

Falta vontade política

"A gente tem visto que o governo de um modo geral tem dito que faltam verbas para a Reforma Agrária. O presidente chegou até a dizer, a especular a possibilidade de se criar um novo imposto. No entanto, não faltam verbas, por exemplo, para salvar bancos falidos.

REPERCUSSÃO

É o início da caminhada

"A Marcha não só ganhou as mentes da população como ganhou os corações.

É uma marca histórica que as entidades, os partidos políticos, o Partido dos Trabalhadores, em especial, se empenharam não somente para participar dos atos políticos, mas com a sua militância. É hoje o que determina a mobilização social é a garra da militância. Dizer que a militância não quer lutar é um equívoco político. Nós tivemos a oportunidade, junto com os companheiros do PT, especialmente, e outros partidos, de arregaçar as mangas e ir para as ruas. E o fato de nós termos dialogado com a sociedade fez com que a gente unificasse a esquerda brasileira.

Hoje, quem tem coragem de falar contra a Reforma Agrária? Ninguém. Graças ao apoio orgânico dos partidos de esquerda, das entidades sindicais, das igrejas, do movimento estudantil, das personalidades, intelectuais,

PT sempre defendeu a Reforma Agrária

Cesar H. Ogata

O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, já disse um dia para esquecerem tudo o que escreveu, dando a impressão de que quer renunciar à sua história. Agora, parece que quer esquecer o que os outros escreveram. Ao afirmar, em entrevista à imprensa, que os partidos de oposição e os movimentos sociais "pegaram carona" na manifestação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Brasília, dia 17, ele comete um equívoco, amplamente absorvido pela mídia nacional: a de que só agora a esquerda brasileira preocupa-se com a Reforma Agrária.

Para refrescar a memória de FHC e da imprensa, convém reproduzir trechos do Manifesto do Partido dos Trabalhadores, publicado em 21 de outubro de 1980: "A grande maioria de nossa população trabalhadora, das cidades e dos campos, tem sido relegada à condição de brasileiros de segunda classe."

Já no Programa do PT, publicado na mesma ocasião, o texto proclamava: "Nosso Partido é diferente porque é democrático. Partido de massas, baseado nos trabalhadores da cidade e do campo". E, mais para a frente: "O PT defenderá uma política agrária que objetive o fim da atual estrutura fundiária."

Resoluções

Ou seja, o PT já nasceu como instrumento de luta dos trabalhadores do campo e tem como uma de suas bandeiras a melhor distribuição da terra, através de uma Reforma Agrária que acabe com os grandes latifúndios improdutivos, assente os lavradores sem-terra e lhes dê condições econômicas de tirar seu sustento da terra.

Essas bandeiras não são letra morta: estiveram nos programas de governo da candidatura do PT à Presidência da República em 89 e 94. Está lá no programa Lula Presidente 94: "Assumindo a direção da Nação, (...) haverá um processo de distribuição da riqueza, da renda e do poder (...). Assim, será realizada uma ampla Reforma Agrária, que democratizará a propriedade rural".

Também no documento final do 10º Encontro Nacional do PT consta a resolução: "O enfrentamento das reformas neoliberais só terá visibilidade se for baseado na mobilização social. (...) Para tanto, a direção do PT e sua militância nos movimentos sociais deverão articular-se com a CUT, Contag, CMP, MST, OAB, CNBB, ABI (...) buscando unificar suas agendas de luta".

Se a questão da estrutura fundiária brasileira ganhou repercussão no Exterior, com o massacre de trabalhadores rurais em Eldorado do Carajás e Corumbiara, também lá fora os militantes do PT empenharam-se em difundir a luta pela terra no Brasil. No I Encontro dos Núcleos do PT no Exterior (I ENPTEX), realizado em Lisboa (Portugal), de 6 a 8 de dezembro de 96, foi deliberado que a campanha de solidariedade ao MST, com destaque para o mês de abril de 97, era uma das prioridades da agenda dos petistas que vivem em outros países.

Isso comprova que, ao contrário do que disse FHC, o PT sempre esteve ao lado dos trabalhadores sem-terra e a Reforma Agrária é defendida pelo Partido desde sua fundação. O PT não esquece sua história. Nem as bandeiras que defende.

Núcleo subsidia movimentos

"Temos uma história de luta por todos os excluídos da terra, que é resultado de uma soma de histórias de engajamento pessoal em diferentes movimentos e desemboca, e se acumula, no Partido dos Trabalhadores, de forma reflexiva e criativa," reage, com indignação ("é ridículo e irresponsável"), o deputado federal Alcides Modesto - foto - (PT-BA) diante da tentativa de setores da mídia nacional em rotular de "oportunista" o decidido apoio do PT à Marcha dos Sem-Terra.



Arquivo/DN

dárias e parlamentares, inclusive com a elaboração de um elevado número de projetos de lei.

"O Núcleo Agrário, por sua organicidade e também pela massa de gente que incorpora, é um dos importantes pontos de referência para discussão da questão da terra e da política agrícola. Do mesmo modo que é reconhecido por sua posição correta e corajosa", afirma enfaticamente o deputado Padre Roque Zimmerman (PT-PR), também integrante do Núcleo e, como Alcides Modesto, com uma longa história de luta em defesa dos excluídos da terra.

Para ele, a perfeita integração dos participantes tem possibilitado, ao mesmo tempo, tanto estudos teóricos de relevância quanto projetos de lei para, pelo menos, tentar dar maior consistência ao insuficiente Programa de Reforma Agrária do Governo e melhorar a política agrícola. Deste modo, o Núcleo Agrário "é um ponto obrigatório em todas as demandas", afirma o Padre Roque.

Além dos temas mais diretamente ligados às políticas agrária e agrícola, o Núcleo também tem se dedicado a acompanhar e dar subsídios para as lutas dos agricultores atingidos por barragens, dos pequenos produtores de áreas de irrigação, das reservas extrativistas, indígenas e de remanescentes de quilombos.



Sindicatos têm papel estratégico

O vice-presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Agricultura (Contag), Avelino Ganzer (foto), rechaça a afirmação do presidente Fernando Henrique Cardoso de que políticos e movimentos sociais pegaram carona na Marcha do MST: "O movimento sindical no campo nasceu da luta pela terra e pela Reforma Agrária", disse. "Foi um momento em que os movimentos sociais, partidos políticos e o MST se uniram num grande ato para mostrar que o Governo Federal mentiu ao povo. Ao ver a reação do povo contra seu projeto neoliberal, era previsível que Fernando Henrique Cardoso iria tentar desqualificar o movimento", definiu.

Ganzer tem autoridade para desmentir o presidente FHC. Aos 49 anos, esse gaúcho de Iraí, que foi com a família para o Norte do País em 72, para a construção da rodovia Transamazônica, traz no currículo uma história de luta pela Reforma Agrária. No Pará, integrou-se à oposição ao Sindi-

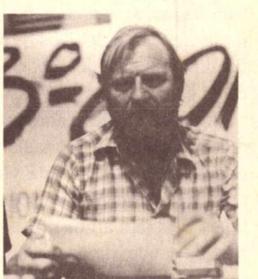
cato dos Trabalhadores Rurais que, em 1980, conseguiu ganhar no voto a direção. Três anos depois, era eleito presidente do sindicato, quando começou a articular sua filiação à recém-criada Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Nos anos 90, a luta foi para conquistar a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Pará, cuja diretoria era de direita, o que foi conseguido em 96. Já nesse época era membro da Executiva Nacional da CUT, tendo sido também membro da Executiva e Diretório Nacional do PT, partido pelo qual concorreu ao Senado em 96.

Hegemonia

Para Ganzer, o movimento sindical desempenha papel estratégico na luta pela terra, na unificação dos trabalhadores rurais para a disputa da hegemonia. Nesse aspecto, comenta a relação dos sindicatos com o MST: "A CUT e a maioria dos sindicatos têm atuado no papel

de abrir caminhos para o MST, buscar apoio internacional, recursos econômicos e contribuir na concretização de projetos". Segundo o vice-presidente da Contag, dizer que hoje o movimento sindical não tem mais papel na sociedade é mostrar uma visão errada de sua importância. "Não se pode pretender que o movimento sindical simplesmente apóie o MST. Isso é um erro histórico grande. Temos que discutir a unidade de ação, ver onde convergimos e divergimos para construir a hegemonia", responde.



Arquivo/DN

Manifestações em todo o País

Cerca de 500 ônibus de vários estados fretados por sindicatos, CUT, PT, PC do B, UNE, Ubes etc. partiram no dia 16 em direção à Capital Federal. Praticamente todos os estados abrigaram manifestações pela Reforma Agrária e contra a privatização da Companhia Vale do Rio Doce. Em São Paulo, a CUT saiu em passeata, no dia 16, pela avenida Paulista (foto). Os manifestantes carregavam 19 caixões com o nome dos lavradores mortos em confronto com a Polícia em Eldorado do Carajás, no Pará, um ano atrás. Em Pernambuco, houve ocupação da sede do Inbra. Após as mobilizações em Assembleias Legislativas, Palácios de Governos, Tribunais de Justiça e concentrações nas praças centrais das capitais, os manifestan-

tes lotavam os ônibus e, após um merecido descanso noturno, chegaram animados em Brasília para participar das manifestações do dia 17, iniciadas às 9h com o encontro das marchas do MST na entrada de Brasília.

Na seqüência, desempregados que já estavam acampados nas barracas da CUT uniram-se aos trabalhadores urbanos e marcharam ao encontro dos caminhantes. Eram várias as passeatas: estudantes, aposentados, trabalhadores da saúde, padres franciscanos com os bonés do MST, movimentos de negros e de mulheres, punks e gays. Por volta do meio-dia, ainda sob o sol de Brasília, elas somaram-se às passeatas dos trabalhadores rurais sem-terra e comemoraram, finalmente, a ocupação da cidade-sede do Governo Federal.



Roberto Parizotti

REPERCUSSÃO

Acreditamos que seja necessário, sim, recursos para a Reforma Agrária, mas avaliamos que esses recursos já existem na economia brasileira. O que falta é vontade política."

José Eduardo Dutra (PT-SE) - Líder do Bloco da Oposição no Senado

Ouvir a voz do povo

"Eu acho que, se a elite desse país ainda tem um mínimo de senso de sobrevivência, ela deve entender isto como uma chance para que corrija os rumos e coloque este país onde ele quer estar. Fazer a Reforma Agrária; parar com essa venda da Vale e realmente ouvir a voz, não rouca, a voz clara do povo."

Plínio Arruda Sampaio - Secretário Agrário Nacional do PT

Continuar oposição

"Acima de tudo, existe hoje uma reivindi-

cação, não só do MST, mas de todos aqueles que vieram a Brasília. Talvez a gente não consiga a Reforma Agrária ampla que a gente está reivindicando, mas pelo menos mostramos para o Fernando Henrique que o Movimento Sem-Terra é hoje oposição e vamos continuar sendo oposição."

Diolinda Alves de Souza - da Coordenação Estadual do MST/SP

Um mundo solidário

"A Marcha dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça constitui um dos fatos mais importantes da história recente do País. Acredito que é um movimento tão importante quanto aquela grande manifestação ocorrida em Washington, a Marcha sobre Washington, em 1963, liderada por Martin Luther King. Naquele momento, ele fez aquele extraordinário dis-



Myrian Luiz Alves

Senador Eduardo Suplicy

curso dizendo que tinha um sonho. O sonho de ver toda a humanidade construindo um mundo solidário ou que pudesse haver condições de justiça para que se construísse uma paz verdadeira."

Eduardo Suplicy - Senador pelo PT/SP

Unidade nacional

"A história do nosso país ainda não será história sem a Reforma Agrária. E vocês dividiram essa história em duas: antes dessa Marcha e depois dessa Marcha. Essa Marcha, essa luta, é o movimento de unidade nacional. Vocês vêm de toda parte desse nosso país, vêm de longe, para se encontrarem aqui, para dizer, em primeiro lugar, que o povo brasileiro não tem medo. Nós não temos medo de ninguém! Eu me sinto aqui profundamente feliz. Feliz, pois eu vi esse movimento nascer e eu o agarrei com as minhas mãos. Lá em

Sarandi, lá no Banhado do Colégio, lá em Pernambuco, com Julião."

Leonel Brizola - Ex-governador do Rio de Janeiro

Uma oposição de massas

"O ato foi uma demonstração de que existe um espaço grande para construir uma oposição de massas no Brasil. A nossa responsabilidade é para os dias que virão. Acreditamos que é decisivo construir uma frente que una essas organizações de massa, o MST, a CUT, o movimento popular urbano e outros partidos de esquerda, em torno de um programa de reivindicações. Um programa que passa por um grande encontro de base convocado pela Conferência Nacional por Terra, Trabalho e Cidadania, realizada no início de abril, em Brasília."

Valério Arcary - da Coordenação Nacional do PSTU

Campo e cidade se encontram

“Olhe o mundo - o universo todo dança com você, o ser humano. O homem, diversamente de todos os outros animais, tem sua cabeça erguida, e os pés na terra.”
 (Isadora Duncan)

Viver intensamente os 37 anos poderia ser o slogan do aniversário de fundação de Brasília, no dia 21 de abril, quatro dias após a chegada da Marcha dos Sem-Terra, acompanhada de milhares de trabalhadores das cidades. Quem perguntasse a um brasileiro se aquelas paragens já tinham visto mobilização tão completa, ouviria como resposta um talvez. Quem sabe quando dos comícios pelas diretas, ou do impeachment, ou dos comícios de Lula. No fundo, porém, admitia que nada se igualava à mobilização de 17 de abril – um ano após o massacre de Eldorado do Carajás.

Caminhar por Brasília ainda no dia 16 significava entender que a luta por justiça, por igualdade, está, definitivamente, no espírito da maioria dos brasileiros, em especial no espírito dos que transformam suas próprias reivindicações e desejos numa batalha maior, beneficiando os mais necessitados, os injustiçados pela política econômica de FHC.

A Capital Federal abrigou 60 mil trabalhadores dos mais variados segmentos. A luta virou festa, a festa era motivo de mais lutas. Estavam ali os profissionais da saúde, da educação, os trabalhadores do campo e da cidade, os estudantes, os desempregados. Ainda no dia 16, havia a dúvida de escolher em qual ato da CUT participar. Se no da saúde em defesa do SUS ou no dos desempregados. Com um pouco de esforço, foi possível estar um pouco em cada um.

Nesta mesma tarde, o PT, em especial, ficou maior com a filiação do ex-deputado constituinte Sigmaringa Seixas (ex-PSDB) e mais uma centena de novas filiações. No dia 17, já nas fileiras do Partido, o advogado Sigmaringa Seixas, defensor dos direitos humanos, depu-

Vera Gomes



tado dos mais aguerridos nas CPI do Collor e do Orçamento, participou da recepção à Marcha dos Sem-Terra. Na noite anterior, ele revelara ao **pt notícias** que havia muitos anos não se sentia um militante.

Na manhã do dia 17, quando as marchas Sul, Sudeste e Oeste se encontraram na Ponta da Asa Sul – na entrada de Brasília – a emoção tomou conta de todos. Sob uma bandeira gi-

gante do MST, os sem-terra abraçaram-se e choraram pelo sucesso dos 60 dias de caminhada. Em praticamente todos os municípios pelos quais passaram, os dois mil trabalhadores sem-terra receberam apoio da população. Os jornais do DF os receberam com a notícia de que mais de 85% da população brasiliense apoiava o MST e a reforma agrária.

No povo, expressões de alegria e revolta. A revolta era pela impunidade, pelo descaso governamental de um sociólogo que prioriza as elites financeiras do País em detrimento das mais justas reivindicações, como o

direito à terra, à alimentação, à educação, à saúde e habitação. Direitos, aliás, garantidos pela Constituição, mas que vêm pouco a pouco sendo retirados por este Governo.

Alegria pela integração na luta pela terra e por emprego. Alegria pela reunião de tantas bandeiras.

Como na campanha de Cristovam Buarque ao governo do Distrito Federal, em 94, a Esplanada dos Ministérios ficou branca e vermelha – o branco da paz e o vermelho da luta de todos os povos. Estavam alegres todas as tribos – embora a dos Pataxó Hã-Hã-Hãe fosse viver, apenas três dias depois, a barbárie, cometida por

juvens da classe média, que atearam fogo no índio Galdino Jesus dos Santos, envergonhando ainda mais a população brasileira.

De braços dados, políticos do PT, PDT, PCdoB, PSB, PV, PPS, PMDB, como José Dirceu, Leonel Brizola, Marina Silva, Benedita da Silva, José Genoíno, Luiz Eduardo Greenhalgh, Milton Temer, José Eduardo Dutra,

Fernando Gabeira, entre outros, além de frei Betto e dom Demétrio Valentini, bispo de Jales (SP), compuseram fileiras, organizadas por Hamilton Pereira, secretário de Cultura do DF, para recepcionar os caminhantes na Esplanada. Dom Demétrio, a cantora Leci Brandão e o líder do PDT na Câmara, Neiva Moreira, entregaram uma cesta de flores e outra de frutas ao trabalhador rural mais idoso da Marcha, Luiz Beltrami de Castro, de 89 anos.

À tarde, em frente ao Congresso, a chuva chegou para regar a semente plantada no coração do País. Os milhares de manifestantes assistiram debaixo de forte chuva ao ato ecumênico e os discursos do governador Cristovam Buarque, Leonel Brizola, Vicentinho, João Amazonas, Lula e João Pedro Stédile. Quando Lula pegou o microfone, o grito ecoou: “Brasil Urgente, Lula Presidente!”.

O ator Osmar Prado, que participou do ato, traduzia o sentimento que norteou a semana: “Para mim, foi um privilégio estar aqui; a gente se sente com mais ânimo para prosseguir; é maravilhoso”.

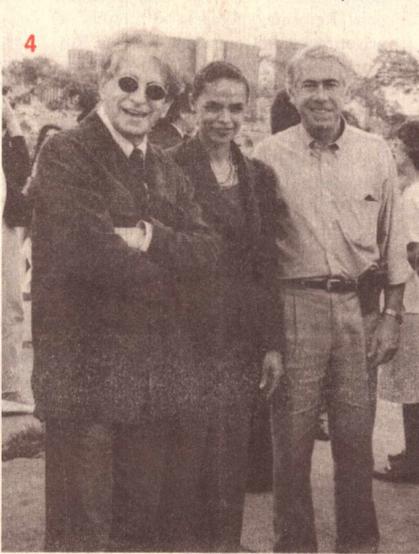
Plínio Arruda Sampaio



Myrian Luiz Alves



Myrian Luiz Alves



Cesar H. Ogata



Misa Bolto



Myrian Luiz Alves



CUT marca presença no ato em Brasília, reclamando mais empregos (foto 1); sob bandeira do MST, participantes da Marcha se abraçam emocionados (foto 2); militantes do PT vêm de todo o País se solidarizar com os sem-terra (foto 3); Sigmaringa Seixas (ao lado de Fernando Gabeira e Marina Silva) participa já como filiado ao PT (foto 4); políticos e dirigentes partidários recepcionam sem-terra de braços dados (foto 5); Luiz Beltrami de Castro, o mais idoso participante da Marcha, recebe flores e frutas (foto 6); frades franciscanos unem-se aos trabalhadores urbanos e rurais (foto 7); Osmar Prado, Zé Geraldo, Pingo e Nil são alguns dos artistas presentes (foto 8)